

---

## NOS CAMINHOS DA MÚSICA E DA HISTÓRIA: UMA REFLEXÃO SOBRE A TRAJETÓRIA DO MAESTRO JOAQUIM JOSÉ DE MENDANHA NO RIO GRANDE DO SUL DO SÉCULO XIX

## THE PATHS OF MUSIC AND HISTORY: A REFLECTION ON THE TRAJECTORY OF THE MAESTRO JOAQUIM JOSÉ DE MENDANHA IN RIO GRANDE DO SUL NINETEENTH CENTURY

---

Letícia Rosa Marques<sup>1</sup>  
Doutoranda em História – PUORS  
E-mail: leticiamarqueslm@yahoo.com.br

**RESUMO:** O Rio Grande do Sul do século XIX traz em sua história, personagens, trajetórias e acontecimentos primordiais para a compreensão de importantes aspectos das construções sociais existentes ao longo dos séculos, bem como de um Brasil em constante formação. Neste trabalho, direcionaremos o nosso enfoque para a figura do mulato Joaquim José de Mendanha e sua atuação no período Imperial, onde dentre os diferentes frutos resultantes de sua passagem pela região sul, destaca-se um dos símbolos oficiais de um estado: a composição da música do Hino Rio-Grandense. Participando ativamente de bandas e orquestras, Mendanha ainda dirigiu coros de Igrejas de Porto Alegre e fundou algumas sociedades musicais, deixando registrado através de suas ações, o seu envolvimento e a sua contribuição cultural para com o Rio Grande do Sul do XIX. Assim, buscando uma breve reflexão sobre a atuação e os espaços de circulação desse personagem, e destacando o fato do mesmo ser mulato, objetivamos investigar alguns dos caminhos percorridos por Mendanha nesse período. Trazendo apontamentos iniciais sobre a história desse Maestro, pretende-se partindo de fontes bibliográficas e documentais, evidenciar através desta trajetória alguns dos limites e possibilidades de ascensão social encontrado por mulatos no Brasil Oitocentista.

**PALAVRAS CHAVE:** Joaquim José de Mendanha. Mulato. Trajetória.

**ABSTRACT:** The Rio Grande do Sul of the nineteenth century presents many characters, trajectories and events important for understanding crucial aspects of existing for centuries social constructions, as well as the image of constant transformations in Brazil. The present work will focus on the figure of the mulatto Joaquim José de Mendanha and his performance in the Imperial Period emphasizing the composition of the Rio-Grandense Anthem, one of the official symbols of the Rio Grande do Sul state. Participating in bands and orchestras, Mendanha also directed choirs in churches of Porto Alegre and founded some musical societies, leaving strong cultural contribution to the Rio Grande do Sul of the nineteenth century. Thus, seeking a brief reflection on the role and circulation spaces of that character, and highlighting the fact he was mulatto, we aim to investigate some of the paths taken by Mendanha during this period. Bringing initial notes on the history of the Maestro, it is intended through bibliographical and documentary sources, to evidence some of the limits and possibilities of social mobility encountered by mulattoes in nineteenth-century Brazil.

**KEYWORDS:** Joaquim José de Mendanha. Mulatto. Trajectory.

---

<sup>1</sup> Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, bolsista CNPq.

Em um contexto como o do Brasil do século XIX, personagens e suas trajetórias se apresentam como interessantes objetos de pesquisa, possibilitando através de suas histórias e da mudança de escala de observação, novos indícios para o estudo da sociedade oitocentista e de um Brasil em constate formação.<sup>2</sup> Assim, neste trabalho, nos propomos a trazer alguns aspectos da trajetória de Joaquim José de Mendanha, maestro, mineiro e que teve parte de sua vida vinculada à história do Rio Grande do Sul e de sua formação cultural.

Conhecido pela composição do que hoje é considerado o Hino Rio-Grandense, o referido maestro deixou suas influências em diferentes espaços pelos quais circulou, sendo a música uma de suas contribuições. Mas embora tendo um dos seus feitos, perpassado anos e entoadado pelos mais diferentes lugares, ao constataremos uma pequena presença de trabalhos que referencie a história deste personagem, nos perguntamos: Quem foi Mendanha? Qual a história deste indivíduo que durante o período Imperial, conseguiu em alguns momentos estabelecer uma trajetória de ascensão através da música e que deixou a sua assinatura em importantes formações culturais de sua época? Quem foi esse maestro, apontado por alguns autores como sendo mulato, e que conseguiu circular em diferentes esferas sociais deste período?<sup>3</sup>

Ao nos depararmos com um manuscrito que integra o acervo da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, Barão de Caxias fornece alguns indícios para as perguntas feitas em relação à Mendanha, ao afirmar que: “[...]sua conduta civil e militar, seus atos de valor em todas as ocasiões de perigo, e seus longos serviços de campanha, unido a um talento pouco vulgar para composições de músicas, tem se tornado digno da estimação de todo o Exército.”<sup>4</sup> A colocação realizada no ano de 1844 e que se apresentou como uma das fontes questionadoras para este artigo, pode evidenciar a leitura e o olhar de um homem considerado

<sup>2</sup> Ao destacarmos as trajetórias e as mudanças de escala de observação, lembramos que “[...] a escolha do individual não é vista aqui como contraditória à do social: ela deve tornar possível uma abordagem diferente deste, ao acompanhar o fio de um destino particular – de um homem, de um grupo de homens – e, com ele, a multiplicidade dos espaços e dos tempos, a medida das relações nas quais ele se inscreve (REVEL, 1998, p. 21). Sobre este tema ver ainda GINZBURG, Carlo; PONI, Carlo, 1991, p. 169-178.

<sup>3</sup> Estes questionamentos fazem parte de uma pesquisa de Doutorado que vem sendo desenvolvida junto ao Programa de Pós-Graduação em História da PUORS, que tem como um de seus objetos de estudo, a trajetória de Joaquim José de Mendanha.

<sup>4</sup> Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro/RJ, seção de manuscritos, C-0755, 049.

de prestígio no século XIX, ao descrever o maestro, objeto deste estudo, nos fornecendo além de alguns elementos que nos remetam a trajetória de Mendanha, informações de como esta também poderia ser percebida por alguns homens de sua época.<sup>5</sup> Desta forma, partindo de manuscritos como exemplos de escritas de si<sup>6</sup>, o presente artigo se propõe a fazer uma breve reflexão sobre a trajetória deste Maestro, perpassando por alguns trabalhos historiográficos, buscando destacar aspectos da história desse personagem e da sociedade que o envolveu.

## O Maestro Joaquim José de Mendanha

A história do maestro Joaquim José Mendanha e do Rio Grande do Sul no século XIX, se aproximam em vários momentos. O fato do personagem em questão ser responsável pela autoria da música que ficou conhecida como o Hino Rio-Grandense é apenas um dos muitos elementos que tornam a trajetória de Mendanha instigante e valiosa para um estudo do século XIX.

Nascido em 1800, em Minas Gerais, filho de Joaquim Gouvea Mendanha e de Eufrásia Maria de Jesus, Joaquim José Mendanha teve o seu caminho entrelaçado com o da música, quando o mesmo transferiu-se para o Rio de Janeiro, ao alistar-se como músico, em um corpo de infantaria do Império. Foi nesta instituição que o personagem em questão, se estabeleceu inicialmente como músico militar.

Alvo de elogios em documento assinado por Barão de Caxias, como citamos anteriormente, Mendanha trilhou uma carreira de considerável ascensão social. Marchando com o 2º Batalhão em 1837 para Província do Rio Grande do Sul de São Pedro, acabou se envolvendo nos conflitos existentes nessa região, ocasionados pela Guerra dos Farrapos (1835-1845). Segundo o relato de Caxias<sup>7</sup>:

<sup>5</sup> O uso desse manuscrito tem como objetivo a análise de um indivíduo do século XIX em relação ao seu contexto e as situações que o cercam. Assim, lembramos que “Está descartada a priori qualquer possibilidade de se saber “o que realmente aconteceu” (a verdade dos fatos), pois não é essa a perspectiva do registro feito. O que passa a importar para o historiador é exatamente a ótica assumida pelo registro e como seu autor a expressa. Isto é, o documento não trata de “dizer o que houve”, mas de dizer o que o autor diz que viu, sentiu e experimentou, retrospectivamente em relação a um acontecimento”. (GOMES, 2004, p. 15)

<sup>6</sup> Ângela de Castro Gomes nos apresenta os manuscritos como também sendo um importante exemplo das escritas de si, já que esta “abarca diários, correspondência, biografias e autobiografias, independentemente de serem memórias ou entrevistas de história de vida por exemplo” (GOMES, 2004, p. 7).

<sup>7</sup> Neste trabalho, optamos por manter a grafia original do documento, sem adaptações/correções ortográficas.

[...] no desastroso combate de Rio Pardo em que elle abandonando os instrumentos de sua profissão, logo que principiou o combate, armou a todos os seus companheiros, e com elles combateo ao lado do seu digno chefe o Coronel Guilherme Jose Lisboa até que tendo succumbido o dito Coronel e decidindo-se a Victoria por parte dos rebeldes, quando os officiaes e soldados tinham acabado de entregar as suas armas e que estavam sendo inaltados pelos rebeldes os cadáveres dos officiaes do Exercito Imperial que jazião sobre o campo do combate, elle teve a audácia de se dirigir, diretamente ao General rebelde e de lhe pedir licença para enterrar o seu chefe, com todas as honras fúnebres, que correspondião a sua patente e valor, e foi tal o desembaraço, que isto praticou que os mesmos rebeldes consentirão, e elle com a sua banda de musica, e a sua custa, fez o enterro de seu chefe com todas as formalidades da Igreja [...] <sup>8</sup>.

A citação destacada nesta carta refere-se ao episódio em que Mendanha, juntamente com outros soldados que integravam as forças Imperiais, foram feitos prisioneiros pelos Farrroupilhas, onde “no infeliz combate de Rio Pardo em 30 de abril do anno subsequente [...] e no conflicto abandonando os instrumentos de sua profissão cahio prisioneiro tendo soffrido constantes riscos de vida, privações [...]”<sup>9</sup>. E foi neste período que Mendanha compôs a música do que seria o Hino Rio- Grandense.

Executado pela primeira vez, em 1839, como Hino da República<sup>10</sup>, o Hino Rio-Grandense fez com que o nome de Mendanha, deixasse uma forma de registro na história. Segundo Spalding:

Foi esta música, por se ter conservado, que deu celebridade a Joaquim José Mendanha. Não fosse isso, em virtude de sua modéstia, talvez jamais seu nome fosse recordado, pois, conforme dissemos, tudo quanto compôs se perdeu ou perdeu sua identidade ao cair em domínio público, passando para o campo do folclore. (SPALDING, 1987, p. 146).

“Modesto, muito simples, espírito profundamente liberal embora imperialista, a vida de Joaquim José Mendanha resume-se a sua atividade musical” (SPALDING, 1987, p. 145) filhos de escravos como destaca Walter Spalding (1987), para ele, Mendanha não teria sido

<sup>8</sup> Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro/RJ, seção de manuscritos, C-0755, 049.

<sup>9</sup> Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro/RJ, seção de manuscritos, C-0755, 049.

<sup>10</sup> A República Rio – Grandense foi proclamada em 11 de setembro de 1836, pelo então General Antônio de Sousa Neto, após vitória conquistada na Batalha do Seival pelos farrapos.

um grande músico, mas teria ficado naquele meio termo “entre um grande compositor e um compositor medíocre” (SPALDING, 1987, p. 145).

Corte Real ao publicar um trabalho sobre a música do Hino Rio-Grandense, editado pela Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul, faz uma breve análise desse processo, lembrando embora as divergências existentes em relação à autoria do mesmo, que esta foi reconhecida e oficializada em 1966, sendo retificada dois anos depois, contando que “O Hino é o que se compõe da revisão da música de Joaquim José Mendanha, realizada por Antonio Tavares Côrte Real, com versos de Francisco Pinto da Fontoura”. (1976, p. 24)

Em publicação do jornal O Povo de 1839, Mendanha e sua banda são referenciados em um relato sobre a mudança da Capital da República Rio-Grandense:

No dia 24 e as 5 horas da tarde o Exmo. Presidente, acompanhado do seu Estado Major, e das Autoridades locais, foi reunir-se ao Governo para assim fazer sua entrada solemne na Villa, o que efetuou depois e ter cumprimentando á S. Ex. o Sr. Ministro da Fazenda, os Magistrados, e mais empregados de todas as repartições. Vinha escoltando o Trem da Guerra e o material das officinas publicas, huma força das três armas commandada pelo valoroso Tenente Coronel Moraes; A banda militar dirigida pelo hábil Professor Mendanha a procedia tocando o hyno nacional.<sup>11</sup>

Mas a história de Joaquim José de Mendanha, não se limitou apenas a esta composição. Uma das dificuldades alegadas por alguns autores em relação a pouca publicação em torno do maestro seria o fato de que muitas de suas produções foram perdidas ao longo tempo. Considerado por Claudio Bento (1976) em *Estrangeiros e Descendentes na História Militar do Rio Grande do Sul – 1635 a 1870* como uma personalidade porto-alegrense ilustre, uma vez que “após a Revolução, Mendanha radicou-se em Porto Alegre e tornou-se uma das mais distintas, prestantes e gratas personalidades daquela comunidade” (BENTO, 1976, p. 289), teve também sua participação destacada na publicação Album do Domingo de 1878:

[...] A’s 9 horas da noute teve principio o concerto com a ouvertura – Semiramis - , para grande orchestra, tocada pela do distincto maestro Commendador Mendanha. Escusado é dizer que essa ouvertura foi brilhantemente executada; pois para esse convencimento bastava saber-se que no meio d’aquella porção de músicos alvejava a cabeça d’aquelle homem, que quanto mais se adianta no caminho da existência, mais lúcido e

<sup>11</sup> Jornal O Povo de 2 de fevereiro de 1839 – p. 188.

brilhante se torna aquele craneo, enriquecido pelo talento e pela inspiração.<sup>12</sup>

Mestre de Capela da Catedral Metropolitana de Porto Alegre, ainda atuou como regente em pequenos grupos e em algumas sociedades, como a Sociedade de Música de Porto Alegre<sup>13</sup>.

Mas como esse personagem conseguiu ocupar novos espaços sociais neste período? Embora este não tendo se destacado na carreira política, ou em postos administrativos do período, o então Maestro encontrou-se em uma situação mais favorável de que muitos outros “mulatos” de sua época. Os caminhos que a música apresentou a Mendanha, que ele por oras trilhou, por outras manteve-se menos presente, é um interessante aspecto que nos possibilita compreender um pouco mais de sua trajetória.

### A música e algumas de suas possibilidades

O espírito musical se encerrava dentro das formas populares do folclore visto através das toadas campeiras, dos desafios de tocadores de violões e da melodia das bandas militares com suas marchas patrióticas ou de alguma rara orquestra de pout-pourris alemães e italianos. Mantinha-se assim a música num completo anonimato consciente ou inconsciente, verdadeiro ou velado. (LAYTANO, 1983, p. 360).

O trecho acima transcrito é de autoria de Dante de Laytano (1983) em sua conhecida obra *História da República Rio-Grandense*. O autor ao fazer referência à música durante o período de 1835-1845 aponta os pequenos espaços e o que considera poucos “ecos” encontrados por quem estava envolvido com ela. Sem aprofundar o assunto, trazendo poucas informações sobre a relação da música e seus reflexos na sociedade deste período, Laytano (1983) mesmo se limitando a uma pequena análise, é enfático ao afirmar que Mendanha seria “todo o ciclo musical dos farrapos” (LAYTANO, 1983, p. 361). Segundo o autor, nenhum outro nome de maior expressão teria aparecido durante esse recorte temporal, o que colaborou para com que esse personagem ganhasse alguma notoriedade, já que “Mendanha sobreviveu

<sup>12</sup> Album do Domingo, 26 de maio de 1878, p. 38.

<sup>13</sup> Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul (APERS). Testamento de Joaquim José de Mendanha.

ao período e foi autor do Hino Rio-Grandense, sendo, talvez esses dois fatores a causa do não esquecimento do seu nome” (LAYTANO, 1983, p. 360).

Mas quais os espaços existentes, no Brasil do século XIX, para quem estivesse envolvido neste mundo de “bandas” e “músicos”? Quem integrava o grupo que tinha como uma de suas “armas” o som de seus instrumentos?

Fernando Pereira Binder (2006) em seu trabalho *Bandas Militares no Brasil: difusão e organização entre 1808-1889* lembra que “As bandas militares seriam formadas por soldados que, após passarem por um período inicial de aprendizagem sob a orientação do mestre de música, deixariam as fileiras das companhias e entrariam para a banda de música” (BRINDER, 2006, p. 100). Interessante destacar, é que dentro dessas bandas havia uma divisão hierárquica. Segundo Binder: “Com o decreto de 28 de março de 1825 (CCLB:17) foi consolidada a posição dos músicos como oficiais inferiores do pequeno estado maior dos corpos. Também foi consolidada a hierarquia entre os músicos que o decreto de 11 de dezembro de 1817 mencionava: mestre de música, músico de 1ª classe, músico de 2ª classe e músico de 3ª classe” (BINDER, 2006, p. 107).

De acordo com a portaria de 1814, os membros das bandas de música do Exército estariam entre os oficiais inferiores mais bem pagos: “o mestre de música tinha o maior vencimento de sua categoria em tempo de paz, já em tempo de guerra seu vencimento só era inferior ao do alveitar, que tratava das doenças dos animais e recebia 400 réis diários por este serviço” (BINDER, 2006, p. 111). Vale destacar que Mendanha, quando integrou as forças Imperiais, ocupou o cargo de maestro, conseguindo estar no topo da hierarquia, dentro do grupo a que estava integrado. Embora possa parecer um cargo pequeno, se levarmos em consideração a sociedade deste período e as posições ocupadas por outros indivíduos mulatos, Mendanha conseguiu dentro de suas limitações, estabelecer-se em uma condição favorável e com um considerável destaque social para época, ascendendo socialmente dentro do que para ele, aparentemente, era possível.

Desta forma, a questão da mobilidade e ascensão social se apresenta como outro tema, que pode ser diretamente relacionado com a trajetória de Mendanha. Se analisarmos os fatos de forma isolada, o papel e a importância da música poderiam ter valores diferenciados para os indivíduos de sua época. Pertencer à banda militar para um homem branco tinha um

determinado peso social. Mas se este indivíduo fosse mulato? Em um período como o do Brasil do século XIX, onde cor e lugar social estiveram fortemente relacionados, ter um Maestro mulato, é um dos temas que a trajetória de Joaquim José Mendanha nos possibilita refletir e questionar sobre o Brasil no Oitocentos.

Em uma época onde “cor”<sup>14</sup> poderia ser ao mesmo tempo uma característica de distinção e inferiorização para determinado indivíduos, o considerado “negro” no Brasil Imperial, encontrou espaço nessa sociedade como importante fonte de mão de obra, mas não se limitou a esta situação. Mesmo que em grande parte estes estivessem associados à condição de escravos, o “negro” e o “mulato”, em alguns casos, conseguiram se inserir de outras formas na sociedade, podendo vislumbrar algumas possibilidades de ascensão. Embora esta fosse dificultada para aqueles vistos como “homens de cor”, não significava a inexistência de oportunidades de acesso a melhores postos e cargos nesta sociedade.<sup>15</sup>

A historiografia ao fazer referência a Mendanha indicou à filiação deste personagem, que seria, segundo autores como Spalding, filhos de escravos. Este autor ao fazer referência ao maestro, em seu livro *A epopeia Farroupilha*, destaca que “Possuíam os legalistas excelente banda de música organizada e dirigida pelo célebre maestro Joaquim José de Mendanha, mineiro de nascimento e de côr” (SPALDING, 1963, p. 125).

O interessante de analisarmos é que a “cor” atribuída a Mendanha, não o impossibilitava de exercer e ascender dentro do caminho da música, onde seu talento, somado aos laços de amizade e as relações estabelecidas por esse personagem poderiam ter um peso importante para a época. Segundo Claudio Bento (1976), Joaquim José Mendanha, conquistaria maiores e melhores espaços, fosse esse o seu desejo. Como afirma o autor, “com antiga camaradagem com o Duque de Caxias, que sempre foi trunfo neste país, ele podia ter mais elevadas aspirações, mas era modesto e contava-se com pouco” (BENTO, 1976, p.290).

<sup>14</sup> Vale lembrar que os designativos de cor, no Brasil escravista, estão relacionados não apenas com o fenótipo, mas também com a condição social de quem era assim identificado. Sobre esse tema, ver Aladrén (2010).

<sup>15</sup> Importante destacar que o Brasil ao longo dos séculos se caracterizou por também ser um espaço de mestiços. Para Larissa Viana (2007) em sua obra *O idioma da Mestiçagem* “a mestiçagem é um processo com poderosas conotações sociais, pois não se trata apenas de uma “mistura física ou cultural. Trata-se, antes, de um movimento hierárquico perpassado por relações de poder capazes de influenciar as relações cotidianas de indivíduos que viveram em sociedades escravistas nas quais esse movimento hierárquico ganhou alguma expressão em esferas da vida social”. (VIANA, 2007, p. 42)



Trajetórias como a de Mendanha, se repetiram na sociedade do século XIX. Personagens como o carioca José Marianno de Mattos e o mineiro Domingos José de Almeida, também foram alvo de contradições e silêncios historiográficos, em relação ao que era atribuído/visto como a cor desses indivíduos. Considerados mulatos por alguns autores<sup>16</sup>, Mattos e Almeida desempenharam importantes papéis durante a Guerra dos Farrapos, ocupando Ministérios e participando diretamente das decisões políticas e econômicas do movimento.

Em um Manifesto dos Deputados da minoria da Assembleia Constituinte e Legislativa da República Rio-Grandense de 1843, é visível o descontentamento de outros homens do período com a escolha feita por Bento Gonçalves, dos seus Ministros:

[...] chamando para seus Ministros, com exclusão de rio-grandenses honrados e beneméritos, um fluminense geralmente aborrecido por sua filúcia desmedida e gênio intrigante e um mineiro desconceituado do público por seu gênio colérico, arrebatamentos despóticos, crassá ignorância e má nota de confundir com os seus os bens do Estado [...].<sup>17</sup>

Utilizando-se de diferentes argumentos para caracterizar o fluminense Mattos como egoísta e genioso e o mineiro Almeida como despreparado, ignorante e até mesmo ladrão, esse Manifesto pode ser considerado um reflexo de como a presença destes personagens eram compreendidas e recebidas pelos demais membros da Assembleia.<sup>18</sup>

Mattos foi tema de nosso estudo, em Dissertação intitulada: *José Marianno de Mattos: Conquistas e desafios de um mulato carioca na Revolução Farroupilha (1835-1845)*. Na referida pesquisa, ao trabalharmos com diferentes fontes, dentre elas as correspondências, encontramos indícios de como a cor deste personagem foi utilizada em alguns momentos, por homens de seu tempo, como forma de inferiorização social e de ataque aos seus ideais e posicionamentos políticos.

Outro personagem a ser destacado e que integra o grupo de “homens de cor” que ocuparam cargos importantes no século XIX é Antonio Pereira Rebouças. Objeto de pesquisa

<sup>16</sup> Dentre eles Moacyr Flores (2004), Raul Carrion (2003), Spencer Leitman (1985), Juremir Machado da Silva (2009), Letícia Marques (2013).

<sup>17</sup> Correspondência do Acervo do Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul, Coleção Varela, CV – 2371, Manifesto dos Deputados da minoria da Assembleia Constituinte e Legislativa da República Rio-Grandense, 18 de fevereiro de 1843.

<sup>18</sup> Tema abordado em Marques (2013).

de Keila Grinberg e Hebe Mattos (2004) em *Lapidário de si: Antonio Pereira Rebouças e a escrita de si*, as autoras ao trazerem esta trajetória, abordam junto com ela à sociedade do Brasil no século XIX e os espaços de circulação encontrados por indivíduos pardos neste período<sup>19</sup>.

Nascido em Maragogipe, no Recôncavo Baiano em 1798, filho de um português e uma liberta, Rebouças se dedicou ao direito e por não ter meios de frequentar a Faculdade de Direito de Coimbra tornou-se um autodidata. Esforçando-se para construir uma imagem de si, Rebouças deixou escritos, que hoje se encontram na seção de manuscritos da Biblioteca Nacional, no qual enaltece sua trajetória de muito esforço e “defende” a possibilidade de igualdade para indivíduos desse período. Destacando os momentos de superação de sua história, de sua inserção na carreira política e as condecorações recebidas, Rebouças juntamente com seus escritos, possibilitam o estudo da trajetória de homem pardo e de um cidadão brasileiro.

Histórias como a de José Marianno de Mattos, Domingos José de Almeida e Antonio Pereira Rebouças, mesmo com suas particularidades, estão em partes relacionadas com a de Mendanha, sendo estes indivíduos frutos de uma sociedade, onde cor e lugar social estiveram fortemente vinculados. Embora com níveis de ascensão diferenciados, os personagens em questão são reflexos de uma cultura social e política estabelecida, trazendo em suas trajetórias, fragmentos de um tempo precioso para a compreensão do Brasil no século XIX.

## Considerações finais

O maestro Joaquim José de Mendanha, embora tenha o seu nome conhecido pela composição da música que se tornou um símbolo ao longo dos anos, tem em sua história muito mais que um hino, mas traços de um Brasil em constante formação. Colaborando diretamente no desenvolvimento cultural de Porto Alegre e sendo um agente importante na trajetória musical do Rio Grande do Sul, Mendanha se apresenta como um indivíduo que dentro de suas possibilidades, deixou registrado sua atuação e seu talento como maestro.

<sup>19</sup> Sobre Antonio Rebouças, ver ainda: GRINBERG, 2002.

Assim, ao destacarmos esse personagem, a referência à leitura de um artigo de Antenor O. Monteiro ainda se faz oportuna e questionadora. Em uma publicação pela Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, de 1935<sup>20</sup>, quando finaliza seu texto intitulado *Apontamentos sobre Mendanha e o Hino de 35*, escreve as seguintes frases: “Como simples curioso de coisas da nossa história, reuni nestes apontamentos o que fui encontrando nas minhas leituras. Talvez possam eles facilitar o trabalho de algum competente que se proponha a escrever sobre o assunto” (MONTEIRO, 1935, p. 329).

A colocação feita por Monteiro em 1935, além de evidenciar algumas das muitas possibilidades que um estudo da trajetória de Mendanha tem a oferecer, permite também repensar o papel do historiador, que tem como função estar sempre alerta para que personagens como estes não se percam e junto com eles a história de uma época. Assim, tempos depois, reforçamos os escritos de Monteiro, trazendo neste artigo, alguns apontamentos iniciais sobre o estudo da trajetória de Joaquim José de Mendanha, onde entre manuscritos e historiografia, se apresentou um mulato, maestro, fruto do Brasil Imperial e da sociedade que o envolveu.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALADRÉN, Gabriel. Pretos e pardos no sul da América Portuguesa: Categorias de cor e hierarquias sociais no Rio Grande de São Pedro nas últimas décadas do período colonial. In: TAVARES, Célia Cristina da Silva; RIBAS, Rogério de Oliveira (org.). **Hierarquias, raça e mobilidade social**. Portugal, Brasil e o Império colonial português (séculos XVI-XVIII). Rio de Janeiro: Contra Capa/ Companhia das Índias, 2010.

BENTO, Cláudio Moreira. **Estrangeiros e descendentes na história militar do Rio Grande do Sul – 1635 a 1870**. Porto Alegre: A Nação, Instituto Estadual do Livro, 1976.

BINDER, Fernando Pereira. **Bandas Militares no Brasil**: difusão e organização entre 1808-1889. 135f. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Música) Instituto de Artes da Universidade Paulista, São Paulo. 2006.

CARRION, Raul. **Os Lanceiros Negros na Guerra dos Farrapos**. 2 ed. Porto Alegre, Gabinete do Vereador Raul Carrion, 2005.

---

<sup>20</sup> Centenário da Guerra dos Farrapos.

FLORES, Moacyr. **Negros na Revolução Farroupilha: Traição em Porongos e farsa em Ponche Verde**. Porto Alegre: EST, 2004.

GINZBURG, Carlo; PONI, Carlo. O nome e o como. In: \_\_\_\_\_. **A micro-história e outros ensaios**. Rio de Janeiro/ Lisboa: Bertrand Brasil/DIFEL, 1991, p. 169-178.

GOMES, Ângela de Castro. Escrita de si, escritas da História: a título de prólogo. In: \_\_\_\_\_. **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: FGV. 2004.

GRINBERG, Keila. **O fiador dos brasileiros – Cidadania, escravidão e direito civil no tempo de Antônio Pereira Rebouças**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

LAYTANO, Dante. **História da República Rio-Grandense**. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 1983.

LEITMAN, Spencer. Negros Farrapos: Hipocrisia racial no sul do Brasil no século XIX. In: DACANAL, José Hildebrando (org.) e outros. **A Revolução Farroupilha: História e Interpretação**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985. p. 61-78.

MARQUES, Letícia Rosa. **José Marianno de Mattos: Conquistas e desafios de um mulato carioca na Revolução Farroupilha 1835-1845**. 117f. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2013.

MATTOS, Hebe Maria; GRINBERG, Keila. Lapidário de si: Antonio Pereira Rebouças e a escrita de si. In: GOMES, Angela de Castro (org.) **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

MONTEIRO, Antenor de O. Apontamentos sobre Mendanha e o Hino de 35. In: **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul**, I Trimestre, Ano XV, Porto Alegre, 1935.

REAL, Antonio T. Corte. **Em torno da Música do Hino Rio-Grandense**. Porto Alegre: Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul, 1976.

REVEL, Jacques. “Microanálise e construção do social”. In: REVEL, Jacques. **Jogos de escalas: a experiência da microanálise**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

SILVA, Juremir Machado da. **História regional da infâmia: O destino dos negros e outras iniquidades brasileiras(ou como se produzem os imaginários)**. 2 ed. Porto Alegre: L&PM, 2010.

SPALDING, Walter. **A epopeia Farroupilha**. Biblioteca do Exército, 1963.

\_\_\_\_\_. **Revolução Farroupilha**. Triunfo: Petroquímica Triunfo, 1987.

VIANA, Larissa. **O idioma da mestiçagem:** As irmandades de pardos na América Portuguesa. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007.

## Fontes Documentais

### Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul

Anais do Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul. Coleção Varela. Volume 4. Porto Alegre, 1980.

### Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro

Álbum do Domingo, 26 de maio de 1878.  
Jornal O Povo, 2 de fevereiro de 1839.  
Seção Manuscritos, C-0755, 049.